

A centralidade de Rogers no desdobramento histórico da terceira força em Psicologia no Brasil

La centralidad de Rogers en el dedobramiento de la tercera fuerza en Psicologia en Brazil

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo¹, Myriam Moreira Protassio²

1. Doutorado em Psicoterapias Atuais
(PPGP/UFRJ)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
E-mail: ana.maria.feijoo@gmail.com

2. Doutorado em Filosofia (PPGFIL/UERJ)
Instituto de Psicologia Fenomenológico-
Existencial do Rio de Janeiro
E-mail: myprotasio@yahoo.com.br

Dossiê - Abordagem Centrada na Pessoa: Ciência e Profissão

Resumo:

No Brasil, dentre as tarefas destinadas ao psicólogo, encontra-se a tarefa clínica, que em seus desdobramentos encontramos a psicoterapia, que se fundamenta em diferentes correntes de pensamento. Tradicionalmente, as correntes dominantes foram denominadas behaviorista, psicanalítica e humanista, com seus inúmeros desdobramentos na atualidade. A behaviorista se desdobra em cognitivista e cognitivo-comportamental. A psicanalítica, que tem início com Freud, prossegue com Lacan, entre outros. A humanista, base da considerada terceira força em Psicologia, chega em solo brasileiro pela perspectiva de Rogers. O objetivo deste trabalho é situar a centralidade de Rogers no contexto da história da psicologia no Brasil. Destacamos que a abordagem centrada na pessoa se constituiu como força de resistência a um campo de atuação que se posicionava nos modelos mecanicistas e funcionalistas advindos da ciência. A abordagem centrada na pessoa foi incluída na terceira força em Psicologia, junto a outras modalidades, tais como existencial-humanista, humanista-fenomenológica, fenomenológico-existencial. Essas perspectivas constituem disciplinas nos currículos de diversas universidades e laboratórios criados com o objetivo de pesquisar e fundamentar suas práticas clínicas junto à comunidade científica.

Palavras-chave: Abordagem centrada na pessoa; Humanismo; Fenomenologia; Existencialismo.

Resumen: En Brasil, de entre las tareas destinadas a los psicólogos, encuéntrase la tarea de la clínica, en una de sus áreas la psicoterapia, cuyos fundamentos se encuentran en distintas corrientes de pensamiento. Tradicionalmente, las corrientes dominantes fueron llamadas de comportamental, psicoanalítica y humanista, con sus inúmeros desdoblamientos en la actualidad. La comportamental se ha desdoblado en cognitiva y cognitiva-comportamental. El psicoanálisis, que tiene inicio con Freud, prosigue con Lacan, entre otros. La humanista, basis de la tercera fuerza en Psicología, llega en suelo brasileño por la perspectiva de Rogers. El objetivo de este trabajo es situar la centralidad de Rogers en el contexto de la historia de la psicología en Brasil. Destacamos que la terapia centralizada en la persona se ha constituido como una fuerza de resistencia en un

campo de actuación que se posicionaba con los moldes mecanicistas y funcionalistas que vinieron de la ciencia. La terapia centralizada en la persona ha sido incluida en la tercera fuerza en Psicología, junto a otras modalidades, tales como existencial-humanista, fenomenológica, fenomenológico-existencial. Esas perspectivas constituyen disciplinas en los currículos de distintas universidades, y laboratorios criados con el objetivo de investigar u fundamentar sus prácticas clínicas junto a la comunidad científica.

Palabras-clave: Abordagen centralizada en la persona; Humanismo; Fenomenología; Existencialismo.

Introdução

Na oportunidade que se apresenta, de participar do dossiê Abordagem Centrada na Pessoa: ciência e profissão em homenagem ao grande psicólogo Carl Ransom Rogers - muito presente nas faculdades de Psicologia na década de 70 do século passado, queremos mostrar o modo como, no Brasil, foi sendo apropriada a arte da clínica psicológica que era ensinada nas faculdades brasileiras. Vale ressaltar que, nessa década, duas vertentes em Psicologia eram hegemônicas: a psicanálise e o behaviorismo.

A perspectiva de Rogers chegava com uma grande promessa de oxigenação da atividade psicoterápica, uma vez que surgia como uma possibilidade de resistir à tendência hegemônica na Psicologia de objetivação da existência humana, podendo esta ser compreendida como um modo de ser que prescindia de leis e mecanismos que explicassem seu funcionamento. A ideia de Rogers (1973; 1974a; 1974b), em suas duas denominações iniciais: terapia não diretiva e terapia centrada na pessoa, era que se pudesse pensar a existência em termos de pessoa, ou seja, tendo a pessoa como referência.

É amplamente divulgado sobre a psicanálise que seu modo de pensar e agir em uma clínica psicológica foi inaugurado por Sigmund Freud, e que Jean-Jackes Lacan deu prosseguimento a essa modalidade de estudo e prática, inovando-a. Houve uma reeleitura que caiu no gosto de muitos psicanalistas. Lacan herdou a psicanálise de seu mestre Freud e conquistou seu legado de modo a fazê-lo seu, ou seja, Lacan foi fiel em sua infidelidade e assim realizou uma grande inovação.

Em um evento recente¹, no qual participavam estudiosos oriundos de diferentes tendências da chamada Terceira Força em Psicologia, o humanismo, a análise e a fenomenologia-existencial, a psicóloga e pesquisadora Virginia Moreira fez uma belíssima exposição em que mostrava uma inovação do pensamento de Rogers pela via do pensamento de Merleau-Ponty. Sabemos que a pesquisadora tem trabalhado nesse diálogo desde sua tese de doutorado, defendida em 1990 na PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Moreira, 1990).

A criatividade de Virgínia em se manter fiel a Rogers, mas pensá-lo em diálogo com outro pensador, muito nos mobilizou. Nesse momento, queremos com este texto tornar histórica a ideia de que não só Lacan fez uma releitura do pensamento de Freud, mas muitos que estavam presentes neste congresso, como em outros, criaram novas leituras a partir da provocação inicial de Rogers. É a história dessas transformações, e da inserção e desdobramentos do pensamento de Rogers no Brasil, que queremos desenvolver.

Dentre os serviços destinados ao psicólogo encontra-se a tarefa clínica, também conhecida como psicoterapia, a qual pode ter como fundamento qualquer uma das correntes de pensamento em Psicologia. Tradicionalmente, as correntes dominantes são a behaviorista, a psicanalítica e a humanista. Atualmente, essas três correntes, tem inúmeros desdobramentos. A behaviorista hoje se desdobra em cognitivista e cognitivo-comportamental. A psicanalítica, que tem início com a genialidade de Freud, prossegue pelos ensinamentos de Lacan, entre outros.

E as humanistas, base da qual surge a perspectiva humanista-existencial e é considerada como a terceira força em Psicologia (Maslow, 1968), abrigam uma diversidade de modalidades clínicas tais como abordagem centrada na pessoa,

¹ Trata-se do IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial, que aconteceu em Natal, RN, de 27 a 29 de setembro de 2023.

existencial-humanista, fenomenológica, fenomenológico-existencial. Incluímos, aqui, a humanista-fenomenológica, que surge no Brasil mais recentemente (Moreira, 2009). É na história dessa Terceira Força em Psicologia, no modo como se desdobrou no Brasil, que nos demoraremos a partir de agora.

A psicologia humanista, de acordo com Penna (1991), se estrutura e se articula no século XX. Ela chega na América do Norte por meio dos estudos e consequentes publicações de Abraham Maslow. No prefácio da primeira edição do livro *Introdução à psicologia do ser*, de Maslow (1968), encontramos que esta psicologia tem critérios diferentes das outras classificações. Maslow não toma mais como referência posições antropológicas, mas se propõe a fazer sua classificação dessa psicologia por meio a posturas epistemológicas. Epistemologicamente ele denomina essa tendência em Psicologia de Terceira Força, remetendo a duas outras forças: behaviorismo e psicanálise. Além da criação dos critérios, utilizados para estabelecer as três forças em Psicologia, Maslow também fará uma crítica às duas perspectivas predominantes, quais sejam, behaviorismo e psicanálise.

Greening (1975) propõe uma psicologia humanista e existencial em contraposição a estas duas forças assinaladas por Maslow. Greening, pensa nessa denominação por entender que a sua perspectiva de Psicologia se processa na conjugação dessas duas forças: a humanista e a existencial, uma vez que guarda elementos do humanismo e da filosofia existencial. Essa denominação foi reforçada quando ele afirma que “a Psicologia Humanista foi amplamente enriquecida com a perspectiva Fenomenológica e Existencial a ponto de, por vezes, ser denominada de Psicologia Existencial-Humanista” (Greening, 1975, p. 26).

Tanto Maslow quanto Greening pretendem, com a proposta humanista, resolver a tendência da Psicologia em fragmentar: 1- o psiquismo ou o comportamento, respectivamente na psicanálise e no behaviorismo, ressaltando

o conceito de pessoa, ou seja, de totalidade; 2- no lugar do determinismo, por meio de mecanismos presentes nas duas primeiras forças, eles enfatizam a condição de liberdade; 3- e, no lugar do controle próprio ao sistema skinneriano, ele visa a compreensão e o bem-estar humanos.

No Brasil, Penna (1982) concluiu sobre as máximas da Terceira Força em Psicologia dizendo que:

A psicologia não seria ciência do comportamento. Seria a ciência da pessoa. Não estudaria o homem como um objeto, como uma coisa, atribuindo-lhe o mesmo estatuto que define todas as coisas e objetos no mundo físico [...] aqui, o homem seria, sobretudo, um sujeito. Viveria prospectivamente em função de projeto. Estaria voltado para o futuro, em face de sua condição mesma de devir. (p. 10)

Para Penna e Abraham Maslow, os pioneiros das perspectivas fenomenológica, existencial e humanista em Psicologia são Carl Rogers e Rollo May. Ressaltamos que Maslow (1968) propõe a divisão em três forças como forma de responder à insuficiência do behaviorismo e da psicanálise. Maslow inclui nessa terceira força em Psicologia as psicologias com base na fenomenologia, no humanismo, em Rogers e no existencialismo. Carl Rogers, desde o início da década de 1950, se dedica aos estudos de uma psicologia humanista com bases iluministas e românticas. E Rollo May, em seu livro *Existência*, de 1958 (May, 1977a), se encarrega de posicionar uma psicologia que alia o método fenomenológico com as perspectivas existencial e humanista.

É consenso que a Psicologia não se constituiu de forma unívoca. Muito pelo contrário. Essa ciência se faz representar por uma pluralidade e diversidade de matrizes que, como diz Figueiredo (1991): “instalou-se no seio da psicologia no exato momento em que a disciplina nascia” (p. 195). O esforço recente por redefinir a grade curricular dessa disciplina mostra que seus caminhos metodológicos nas universidades brasileiros continuam a se multiplicar. Na base da construção da nova grade (CNE/CES, 2023) curricular o esforço se deu no

sentido de unir as condições básicas éticas e políticas da formação do profissional de Psicologia, respeitando a pluralidade de caminhos possíveis que fundam essas ações.

Feijoo (2015) anuncia, no entanto, que não vê na diversidade uma ambiguidade, preferindo ver nessas fronteiras uma permeabilidade. Citando as reflexões de Emanuel Carneiro Leão (1991), ela mostra que a importância das áreas fronteiriças não é o que podemos saber, mas o poderemos colocar o pensamento em movimento, atraídos pelo mistério que faz pensar o pensamento.

Essa permeabilidade já se faz presente, por exemplo, quando, na América do Norte, Rollo May, em sua psicologia existencial-humanista já deixa evidente a influência do pensamento de Rogers. Reconstruindo a história da terceira força em Psicologia, trataremos aqui de destacar a centralidade do pensamento de Carl Ranson Rogers no desenvolvimento da terceira força em Psicologia no Brasil, desde seus primórdios até os dias atuais. Decidimos dar destaque às inovações propostas por duas autoras brasileiras, Ana Maira Feijoo e Virgínia Moreira que atualizam o pensamento de Rogers em diálogo com a Filosofia, respectivamente o pensamento de Martin Heidegger e de Merleau-Ponty, dando continuidade, cada uma a seu modo, às propostas de Rogers e seus desdobramentos na atualidade.

Rogers na história da abordagem centrada na pessoa no Brasil

Segundo Gomes, Holanda e Gauer (2004), as vias de penetração das ideias humanistas no Brasil se deram por meio de posições teóricas e metodológicas e de propostas psicoterapêuticas. A primeira perspectiva teria sido a da abordagem centrada na pessoa (ACP), que abre aos psicólogos uma atividade anteriormente exercida exclusivamente por médicos. A ACP se inicia nos EUA, com Carl Rogers, na década de 1940, tendo grande impacto nas pesquisas em psicologia norte-

americanas e alcançando solo europeu e da América Latina.

No Brasil ela chega pelas mãos de Mariana Alvim (1909-2001), que conheceu Rogers pessoalmente em 1945, em Chicago, onde foi buscar instrução sobre a técnica de entrevista não-diretiva. No Rio de Janeiro, Alvim trabalhou com Emílio Mira y Lopez (1896-1964), no Instituto de Seleção e Orientação profissional da Fundação Getúlio Vargas (ISOP), transferindo-se posteriormente para Brasília onde coordenou serviços de orientação profissional na Universidade de Brasília.

O Rio de Janeiro contou, a partir de 1951, com Ruth Nobre Scheffer, figura importante na disseminação, por meio de publicações suas, de 1964 e 1976, do aconselhamento não diretivo. Na década de 70, no recém-criado Curso de Psicologia da PUC-RIO, os alunos já praticavam o aconselhamento não diretivo de orientação rogeriana.

O pensamento de Rogers chega também no Rio Grande do Sul, na década de 1950, como uma força de oposição aos psiquiatras, que defendiam que os psicólogos não podiam atuar como psicanalistas. Nesse sentido, a proposta de Rogers funcionou como uma força de resistência e de constituição de um campo de atuação por parte dos psicólogos, profissão que ainda estava em processo de consolidação. Henrique Justo “encantou-se com a possibilidade de trabalhar com uma psicoterapia desenvolvida por um psicólogo” (Gomes; Holanda; Gauer, 2004, p. 108).

Irmão Justo, como era chamado, que começara sua formação em Psicologia pela perspectiva da psicanálise, encontrou na ACP uma perspectiva que lhe fez amplo sentido. Retornando de um curso em Paris, onde teve aula com discípulos de Rogers, ele afirma ter tomado coragem para usar e difundir a metodologia da ACP em solo brasileiro, o que fez aplicando seus conhecimentos nos cursos de Psicologia em que ministrava aula, assim como em centros de psicoterapia e em escolas (Cavalcante Júnior; Montenegro, 2010).

Na década de 50 e 60 do século passado, quando foram criadas as

faculdades de Psicologia, a ACP esteve presente nos currículos nos cursos do Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Também em Pernambuco e Recife os estudos do humanismo de Rogers fizeram-se presentes na década de 1960. Em São Paulo foi instituído, no ano de 1969, o Serviço de Aconselhamento Psicológico da USP, “uma das primeiras instituições a integrar oficialmente a Abordagem Centrada na Pessoa como opção de prática na formação de Psicologia e a oferecer aconselhamento psicológico no atendimento à população” (Gomes; Holanda; Gauer, 2004. p. 109).

Na década de 1970 a ACP ganha grande força no Brasil. Entre os motivos dessa ascendência destaca-se a crítica à psicanálise, que ganhava grande força: “As interpretações psicanalíticas eram acusadas de ser muito abrangentes e generalistas. Por outro lado, o behaviorismo ainda ensaiava sua proposta para tratamento psicológico, baseado em teorias de aprendizagem” (Gomes; Holanda; Gauer, 2004, p. 109). Embora a ACP não ganhasse expressão nos eventos de Psicologia da época, seu espaço nas academias se expandia, aparecendo nas teses de diferentes universidades.

Também na década de 70 começam a surgir as primeiras traduções brasileiras de obras de Rogers: *Tornar-se Pessoa* (Rogers, 1973); *Grupos de Encontros* (Rogers, 1974a); e, na segunda metade da década de 1970, o livro *Psicoterapia e Consulta psicológica* (Rogers, 1974b). Outros textos eram lidos a partir de traduções portuguesas ou francesas. Eduardo Bandeira é o nome do brasileiro que visitou Rogers e, no retorno ao Brasil, difundiu o material recolhido nesse encontro por várias cidades do país, preparando a primeira visita de Rogers, que se deu em fevereiro de 1977 na Aldeia Arcozelo, serra fluminense, naquele que se denominou o Primeiro Encontro Centrado na Pessoa.

O encontro contou com 200 participantes entre advogados, engenheiros, enfermeiros, médicos, psicólogos, administradores, educadores, atores, diretores de cinema, jornalistas e estudantes (Gomes; Holanda; Gauer, 2004, p. 101). A partir

deste encontro, Raquel Rosemberg passou a ser a representante e articuladora do movimento rogeriano, enfatizando a conexão entre a ACP e a pesquisa e unindo estudiosos da abordagem em várias cidades brasileiras: Oswaldo de Barros Santos, Oswaldo Frota-Pessoa, Henriette Morato e Mauro Amatuzzi, na USP; Jaime Roy Doxsey, no Espírito Santo; John Wood, no interior de São Paulo; Vera Engler Cury, em Campinas; Virgínia Moreira, no Ceará; William Barbosa Gomes, no Rio Grande do Sul. Os estudiosos da ACP foram, pouco a pouco, desdobrando os seus estudos de modo que alguns deles se mantiveram totalmente fiéis ao pensamento de Rogers. Outros não foram tão fiéis e trouxeram contribuições da fenomenologia, em suas diferentes vertentes, atualizando fenomenologicamente a perspectiva humanista.

O movimento humanista em Psicologia acabou por reunir diferentes perspectivas teóricas. Essa união ocorreu, em primeiro lugar, pelas divergências e críticas às duas primeiras forças e, em segundo, pelo desenvolvimento de temáticas em comum, tais como self, saúde psicológica, bem-estar, potencial humano de crescimento, autorrealização, capacidades e potencialidades exclusivas do ser humano, criatividade, amor, sentimentos, identidade, vontade, coragem, liberdade, responsabilidade, valores superiores, transcendência do ego, significados, intencionalidade, experiência subjetiva, encontro genuíno, entre outros (Boainain, 1998). A terceira força, assim, agregou a abordagem centrada na pessoa, de Carl Rogers, a Gestalt-terapia dos psiquiatras Fritz e Laura Perls, o psicodrama de Jacob L. Moreno, as psicoterapias corporais de Alexander Lowen e a Psicologia existencial de Rollo May (Feijoo; Mattar, 2016).

A história da psicologia existencial-humanista no Brasil

Em 1969, por ocasião da publicação da segunda edição do livro *Psicologia Existencial*, May (1986) publica novamente o prefácio à primeira edição, de 1961,

no qual ele se refere à entrada do enfoque existencial nos Estados Unidos e da chamada Terceira Força em Psicologia, “a tal ponto que a maioria dos que se iniciam no campo falam de psicologia ‘existencial-humanística’ expressão composta” (s. p). Este movimento se articula às determinações de uma psicologia humanista, tal como desenvolvida nos EUA, com as de uma psicologia com bases fenomenológicas de matriz europeia (Feijoo; Mattar, 2016; Giovanetti, 2017).

Nessa mesma década, Greening (1975) publica o livro *Psicologia Existencial-Humanista*, que reúne psicólogos humanistas e existenciais (Charlotte Buhler e James Bugental, entre outros). Na década de 60 do século XX chegam, ainda na América do Norte, as primeiras traduções para o inglês dos escritos de filósofos da existência, tais como *Ser e Tempo*, de Heidegger (1927/1989), *Fenomenologia da percepção*, de Merleau-Ponty (1994), e, ainda, do psiquiatra suíço Medard Boss, *Psicanálise e Analítica Existencial*, escrito em espanhol (Boss, 1958). Ainda neste período, Abraham Maslow (1968) defende em suas publicações uma Terceira Força em Psicologia, dissidente da psicanálise e do behaviorismo. Em 1959, surge a tradução para o inglês do texto do psiquiatra austríaco, Viktor Frankl (2008) intitulado *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Mas, como a psicologia existencial-humanista chega em solo brasileiro?

Nas décadas de 60 e 70 do século passado chegam ao Brasil, em língua portuguesa, os livros escritos por Rollo May, como o livro intitulado *Eros e repressão: amor e vontade*, que chega em solo brasileiro em 1969 (May, 1973). Em 1974 encontramos duas publicações: *Psicologia e dilema humano* e *Poder e inocência: uma busca das fontes de violência* (May, 1974a e 1974b). Em 1975 surgem mais duas publicações, uma intitulada *Psicologia Existencial*, organizada por Rollo May (1986) e *A coragem de criar*, de autoria única (May, 1982). Entre as décadas de 80 ao século XXI outras publicações se apresentam em nosso território, são elas *O significado de ansiedade: as causas da integração e desintegração da personalidade* (May, 1977b), *A arte do aconselhamento*

psicológico (May, 1997), *Minha busca da beleza* (May, 1992) e *A descoberta do ser* (May, 2000). Esse estudioso nos apresenta ao pensamento de Kierkegaard, Camus, Unamuno, Sartre, Paul Tillich.

Ainda na década de 70 chega em solo brasileiro o livro organizado por Thomas C. Greeninng (1975) intitulado *Psicologia existencial-humanista*. Nesse livro constam alguns capítulos de representantes da perspectiva existencial-humanista, dentre eles, James Bugental, que em seu capítulo intitulado O eu processo e o eu ilusão, apresenta uma situação de atendimento clínico que surpreende pelo seu caráter inovador de atuação clínica. A sua condução não tem mais um cunho não diretivo ou centrado na pessoa. O psicoterapeuta atua no “aqui e agora” e, ironicamente, vai deixando que a questão do paciente apareça para o próprio paciente. Esse estilo de atuação clínica cai no gosto dos psicoterapeutas brasileiros, que recolhem o modo de compreender a relação psicoterapêutica dos ensinamentos de Rogers e May.

Rogers (1973), em sua obra exemplar sobre o tema: *Tornar-se pessoa*, desenvolve o tema da relação com maestria. Ele diz: “Tenho há muito tempo a profunda convicção – que alguns diriam ser em mim obsessão – de que a relação terapêutica é apenas uma forma de relação interpessoal, em geral, e que as mesmas leis regem todas as relações desse tipo” (p.43). Rogers então diz que essa relação se compõe por dois ou mais membros e que um deles atua no sentido de poder promover no outro (s) uma utilização “mais funcional de recursos internos ou latentes no indivíduo” (p.43). O objetivo da relação psicoterapêutica nada mais é do que facilitar o crescimento daquele que por algum motivo se encontra paralisado no que diz respeito ao seu potencial para a autorrealização.

Esse estudioso, na tentativa de reunir provas empíricas que confirmam a sua hipótese acerca das atitudes do psicoterapeuta que são facilitadoras de promoção de um crescimento do cliente, nos mostra evidências de que atitudes de ajuda favorecem o crescimento. E a partir disso, faz a seguinte pergunta: “Como

poderei criar uma relação de ajuda?” (Rogers, 1973, p.53). A resposta segue de forma objetiva: O psicoterapeuta deve ser congruente – ou seja, deve ser uma pessoa unificada e integrada, ou seja, uma adequação entre consciência e atitude e sentimento – assim o psicoterapeuta torna-se transparente, transmitindo autenticidade.

Nesse aspecto, podemos inferir que Rollo May (1974a) desenvolve a sua ideia de relação sob influência do pensamento de Rogers. May refere-se à relação psicoterapêutica como encontro e diz que “Encontro é uma expressão do ser” (p.19). Esclarece que esse encontro se estabelece em diferentes níveis: nível de pessoas reais - momento desse encontro em que uma relação total e específica se estabelece entre o paciente e o psicólogo e que traz alegria e suaviza a solidão; o segundo nível é de amigos - em que os muitos encontros mostram que há um interesse genuíno em escutar e entender o que o outro tem a dizer; o terceiro nível é o erótico – “que deve ser aceito pelo terapeuta se ele pretende ouvir compreensivamente e também se ele pretende valer-se do recurso dinâmico para a mudança” (p.20); e o quarta nível diz respeito à estima que se refere a “precaução auto transcendente pelo bem-estar do outro” (May, 1974a, p.20).

Na década de 70 do século passado até o início do século XXI, o movimento existencial-humanista ganha tanto relevo no Brasil que passa a compor os currículos dos cursos de graduação em Psicologia em todo território brasileiro. Essa disciplina, nas universidades brasileiras, está presente com muita ênfase ainda na atualidade. Também na atualidade, Irwin Yalom (2006) declara que a sua psicologia é uma continuação da psicologia existencial-humanista tal como idealizada por Rollo May. Na Colômbia, Alberto de Castro (1999; 2000), professor da Universidad del Norte, realiza pesquisas sobre o pensamento de Rollo May e suas práticas desde o início do milênio. No Brasil, conforme Ponte e Sousa (2011), Rollo May é um autor bastante esquecido. No entanto, nos últimos anos vemos

surgir artigos retomando as contribuições de May para a Psicologia (Silva, 2021; 2023).

A psicologia fenomenológico-existencial

A denominação psicologia fenomenológico-existencial aparece pela primeira vez em 1991 em uma publicação intitulada *História das ideias psicológicas* do professor brasileiro Antônio Gomes Penna (1991). Luís Cláudio Figueiredo (1991) refere-se à matriz fenomenológica e existencialista, reunindo diferentes tendências da fenomenologia e das filosofias da existência sem utilizar a denominação fenomenológico-existencial. Também em 1991, Luiz Antônio G. Cancellato publica o livro intitulado *O fio das palavras*, apresentando um estudo clínico de Psicoterapia Existencial no qual a denominação fenomenológico-existencial ainda não aparece (1991).

Como pudemos acompanhar acima, os estudiosos do tema referem-se à fenomenologia, ao existencialismo e à psicoterapia existencial. Essas designações são diversas, por isso não se enquadram em nenhuma perspectiva abordada neste histórico. Elas parecem ocupar um lugar híbrido, que até hoje caracteriza o modo particular com que cada uma posiciona os seus estudos. Isso fez aparecerem designações tão variadas que dificilmente poderão ser abarcadas em sua totalidade.

Por isso, nos deteremos na denominação inaugurada por Penna em 1978, psicologia fenomenológico-existencial (Penna, 1982) por diferentes motivos: foi o primeiro a trazer essa designação para o Brasil; e pela repercussão histórica que esse estudioso teve não só em território nacional, como também internacional. Veremos a importância deste pensador na constituição da psicologia fenomenológico-existencial no Brasil, a qual se confunde com a história das

pesquisas da psicóloga Ana Maria Feijoo e da criação do IFEN – Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro.

Feijoo, em um esforço para difundir essa perspectiva em solo brasileiro, passou a coordenar, desde 1994, grupos de estudos que reunia pessoas interessadas em compreender o sentido de existencial e a metodologia fenomenológica em sua relação com uma clínica psicológica. Partiu dos estudos de escritos de autores tais como Kierkegaard, Husserl, Heidegger e Sartre, todos tradicionalmente referidos pelos autores desta tradição como influências importantes para uma psicologia da existência. Nesses grupos nasceu a ideia da formação de um instituto que se dedicasse a pesquisar e divulgar a perspectiva em Psicologia que vinha se desenhando nos estudos do grupo surgindo, em 1996, o IFEN.

Em 2000, Ana Maria está terminando sua tese de doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Nessa oportunidade, foi aluna do professor Penna e, talvez por influência dele, intitulou a sua tese de *A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial*. É notável a influência de Rogers nesse estudo, naquilo que a autora denominou Intervenções do psicoterapeuta (Feijoo, 2000). Ela não só cita duas intervenções próprias a ACP: refletora de conteúdo verbal e clarificadora de vivências emocionais; como também lança mão do mesmo método utilizado por Rogers em suas pesquisas sobre psicoterapia. Feijoo é fiel ao psicoterapeuta norte-americano, porém infiel em sua fidelidade. Ela se interessa, na preparação da tese, pelos estudos do dinamarquês Søren Kierkegaard e do alemão Martin Heidegger.

Assim, o caminho da autora na psicologia fenomenológico-existencial se dá na tentativa de resgatar as influências e contribuições desses filósofos à Psicologia, especialmente em sua vertente clínica, mas mantém, também, o que aprendeu com o grande mestre da psicoterapia. Sua tese transformou-se em livro, sendo publicado no mesmo ano (Feijoo, 2000). Em 2011, Feijoo publica o livro

intitulado *A existência para além do sujeito*: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais. Nesta obra, a autora (Feijoo, 2011) busca esclarecer a passagem de uma compreensão subjetivista sobre o homem, ainda presente nas perspectivas humanista e humanista existencial, para uma psicologia sem sujeito, defendida pela perspectiva fenomenológico-existencial.

Recentemente, em um artigo publicado com o título *Instante, salto, epifania e transformação* (Feijoo, 2020), a autora se refere a três modos de atuar na clínica, que são: paciência, arte do bem perguntar e serenidade. Em uma análise mais detalhada, podemos ver que a autora inspirou-se nas três atitudes básicas do psicoterapeuta, tal como foram propostas por Rogers: congruência, aceitação incondicional e empatia. Obviamente, há diferenças, mas, sem dúvida, há influência. Há em Feijoo, sob a inspiração de Rogers, a preocupação com a atitude do psicoterapeuta. Paciência e aceitação incondicional dizem respeito à atitude do psicoterapeuta em acompanhar o que o paciente tem a dizer, sem emitir nenhum valor e respeitando o ritmo e o modo de ser do paciente.

A congruência remete a uma atitude serena, que é alcançada quando o psicoterapeuta identifica seu modo de pensar e sentir aquilo que lhe vem ao encontro. Sobre a empatia, para que o bem perguntar seja uma arte é fundamental que psicoterapeuta e cliente se encontrem no mesmo *pathos*. Tais atitudes muito se relacionam com o ambiente clínico, principalmente no que diz respeito ao modo como a relação estabelecida entre os envolvidos na clínica se converte em espaço propício para uma transformação, visto que sustenta a possibilidade de modulação no modo de ser e de compreender do cliente.

De 1996 ao ano 2000 o IFEN, com o propósito de difundir esse pensamento em Psicologia, realizou várias atividades, como o Curso de Formação em Psicologia Fenomenológico-Existencial, que deu início às suas primeiras atividades acadêmicas. O projeto intitulado Cinema IFEN – que existe até os dias de hoje, que

abria um espaço de debate com a comunidade em geral. O instituto ainda organizava palestras em congressos, sempre com o propósito de esclarecer os fundamentos desse seu modo de articular uma clínica em Psicologia. A partir de 2001, em consonância com o disposto pelo Conselho Federal de Psicologia, o curso de Formação do IFEN se transformou em curso de Especialização em Psicologia Clínica na Perspectiva Fenomenológico-Existencial, ampliando as pesquisas nesta perspectiva em Psicologia. Este curso vige até os dias de hoje, já tendo formado cerca de 40 turmas.

Em 2008 uma publicação organizada por Feijoo (2008) intitulada *Interpretações fenomenológico-existenciais para o sofrimento psíquico na atualidade* inaugura a Edições IFEN como um veículo importante de divulgação do pensamento fenomenológico-existencial em Psicologia. Em 2010 essa editora publica a segunda edição do livro *A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial* (Feijoo, 2010) e, continuando com seu projeto editorial publica, em 2011, em parceria com a editora Via Verita, o livro *A existência para além do sujeito* (Feijoo, 2011).

A Edições IFEN segue até os dias de hoje editando pesquisas na psicologia fenomenológico-existencial e divulgando as articulações possíveis com os saberes de pensadores desta tradição. Das articulações com o pensamento de Kierkegaard, por exemplo, foram publicados os livros *O pensamento de Kierkegaard e a clínica psicológica* (Feijoo et al., 2013), *Angústia e repetição: da filosofia à psicologia* (Feijoo; Protasio, 2014), *O si mesmo e as personificações da existência finita: por uma ciência existencial constantemente referida a Kierkegaard* (Protasio, 2015) e *Bases Kierkegaardianas presentes na Psicologia Existencial* (Feijoo; Protasio, 2023).

Da articulação com o pensamento de Heidegger foi publicado o livro *Meditação e Clínica: Uma aproximação entre Filosofia e Psicologia*, escrito por Fernando da Rocha Magliano (2019) e *O tempo da ansiedade: uma interpretação a*

partir da confrontação entre Heidegger, Baudrillard e Kafka de Paulo Victor Rodrigues da Costa (2021). Das aproximações com o pensamento de Sartre saiu o livro intitulado *A clínica psicológica em diálogo com Sartre*, de autoria de Carolina Dhein (2020). Da articulação com o pensamento de Nietzsche foi publicado o livro intitulado *É permitido esquecer! Nietzsche e a Clínica Fenomenológico-Existencial*, de autoria de Flávio Breno Cruz Formigosa (2022).

Atualmente a Edições Ifen publica também as obras do Laboratório *APHETO* (Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista Fenomenológica) da UNIFOR (Universidade de Fortaleza), com escritos de Virginia Moreira e Lucas Bloc, entre outros, tais como *Fenomenologia Clínica*, lançado em outubro de 2021; *Psicopatologia fenomenológica revisitada*, da autoria de Arthur Tatossian, Virginia Moreira e Lucas Bloc, lançado em março de 2024; e, no prelo, *Sofrimentos contemporâneos (in)visíveis: a mundaneidade na clínica*, organizado por Lucas Bloc, Camila Souza e Juliana Lima. E nessa oportunidade, a Edições Ifen marca a importância do pensamento de Rogers no cenário das psicologias de base fenomenológicas.

A psicologia humanista-fenomenológica

Ao nos demorarmos sobre a interlocução realizada por Virgínia Moreira no Congresso em 2023, pudemos ver com clareza que essa estudiosa se apropriara do pensamento de Merleau-Ponty para fazer uma releitura da proposta de psicoterapia desenvolvida por Rogers. Na tentativa de aprimorar ou ampliar seus conhecimentos e práticas, Moreira foi buscar outros interlocutores para também ampliar, aprofundar e rearticular um modo de pensar e fazer clínicos. Em sua tese de doutorado, defendida em 1990 na PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Moreira, 1990), Virgínia já apontava para a necessidade de um estudo aprofundado sobre o que permanecia, nos ensinamentos de Rogers, em nosso

fazer contemporâneo.

Podemos ver a permanência do diálogo estabelecido por Virgínia Moreira entre a perspectiva mais original de Rogers e autores da tradição fenomenológica, seja na filosofia, onde ela dialogou longamente com o pensamento de Merleau-Ponty, quanto na tradição da psicopatologia fenomenológica. A sua tese permanecerá impublished até 2007, quando o livro intitulado *De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa em psicoterapia*, oriundo de seus estudos para a tese, é publicado (Moreira, 2007).

No Laboratório de Psicopatologia e Clínica Humanista-Fenomenológica (APHETO), sediado na Universidade de Fortaleza, Virgínia desenvolve ampla pesquisa sobre a psicopatologia de Arthur Tatossian, traduzindo muitos de seus artigos e livros, desde 2001, e fundando uma linha profícua de investigação da psicopatologia que ela denominou psicoterapia humanista-fenomenológica (Moreira, 2009).

O laboratório APHETO é coordenado pelos professores Georges Daniel Janja, Anna Karynne Melo e Virgínia Moreira. O grupo investiga as formas de expressão da subjetividade em seus múltiplos processos de significação e de produção do sofrimento existencial e patológico. Alguns temas de pesquisa são: psicopatologia fenomenológica, clínica humanista-fenomenológica, saúde mental e coletiva, psicoterapia individual e de grupo, abordagem centrada na pessoa e Gestalt-Terapia.²

Em 2017 o laboratório APHETO completou 15 anos e, além de permanecer inserido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia na Universidade de Fortaleza (UNIFOR), inaugurou parceria com o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da mesma universidade, constituindo um laboratório de pesquisa pertencente a dois programas de pós-graduação na UNIFOR.

² <https://g1.globo.com/ceara/especial-publicitario/unifor/ensinando-e-aprendendo/noticia/2017/03/laboratorio-de-pesquisa-fenomenologica-completa-15-anos-de-atividade.html> EM 30/03/2017 12h43 - Atualizado em 30/03/2017 12h44

Em 2017 o laboratório tinha três núcleos de estudos: Núcleo de Fenomenologia Clínica (NUFEC), o Núcleo de Fenomenologia Existencial (NUFEX) e o Núcleo de Fenomenologia e Saúde (NUFES). Desenvolvendo estudos em fenomenologia clínica inspirados nas filosofias de Merleau-Ponty e Sartre, ao longo de seus primeiros 15 anos, o APHETO também se tornou referência internacional na área da psicopatologia fenomenológica.³ A iniciativa tem tido como seu principal intuito desenvolver pesquisas com ênfase na vertente humanística-fenomenológica numa perspectiva crítica-cultural que busca compreender, formar pesquisadores e propor estratégias de intervenção nos diversos campos clínicos.

Moreira, em sua apresentação no IV Congresso Internacional de Fenomenologia Existencial, retomou o diálogo com Rogers mostrando como seu pensamento esteve presente em sua trajetória clínica. Com isso ela abriu os olhos de seus ouvintes, como dizem os alemães, provocou o salto num instante, *Augenblick*, de modo que nos inspirou a escrever este texto. Facilmente podemos ver a influência de Rogers e o quanto o seu pensamento clínico jamais foi abandonado por ela.

Considerações finais

Uma retrospectiva do percurso histórico da tendência em Psicologia, que tem início com Rogers e foi denominada terceira força em psicologia por Maslow (1968) apareceu-nos como guia para posicionarmos o modo como, da mesma raiz, nasceram diferentes formas de pensar e fazer a clínica psicológica.

Com o que desenvolvemos acima, concluímos que a centralidade no pensamento de Rogers se mantém tanto na perspectiva existencial-humanista,

³ <https://www.researchgate.net/lab/APHETO-LABORATORIO-DE-PSICOPATOLOGIA-E-CLINICA-HUMANISTA-FENOMENOLOGICA-Georges-Daniel-Janja-Bloc-Boris>

desde seus primórdios, bem como na perspectiva fenomenológico-existencial e na humanista-fenomenológica. Já na década de 60, nos EUA, o pensamento de Rogers sobre relação clínica estava presente na perspectiva humanista-existencial de Rollo May, mantendo-se até os dias atuais em solo brasileiro. Atualmente, a influência de Rogers se faz presente tanto na perspectiva humanista-fenomenológica, de Moreira, como na fenomenológico-existencial, de Feijoo. Os estudos e pesquisas destas duas estudiosas tem início em solo brasileiro e vem conquistando terras estrangeiras por meio de publicações, cursos e apresentações em congressos.

Ressaltamos nossa gratidão com aquilo que aprendemos de Rogers e alertamos os estudiosos dessa corrente de pensamento para se manterem fiéis na infidelidade, como tentamos fazer, quando pensamos com humildade, ou seja, sem perder o húmus que possibilitou nosso florescer e mostrando como somos sempre aprendizes: esquivando-nos, contornando-nos, apreendendo e repetindo. E, de repente, pudemos ver que não fomos certos, como foi nosso mestre Rogers. Mas, no desenrolar de nossa psicologia, conseguimos ser fiéis a Rogers, porém na infidelidade: retomamos ao que esse grande psicólogo ensinou e entendemos a psicologia como algo que sempre se abre para o novo.

Referências

BAPTISTA, M. T. D. da S. A regulamentação da profissão Psicologia: documentos que explicam o processo histórico. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 30, especial, p. 170-191, 2010.

BOAINAIN, E. **Tornar-se transpessoal**: transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers. São Paulo: Summus, 1998.

BOSS, M. **Psicoanálisis y analítica existencial**. Madrid: Editorial Científico Medica, 1958.

BOSS, M. **Na noite passada eu sonhei...** São Paulo: Summus, 1979.

BOSS, M. **Angústia, culpa e libertação**. 4. ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1988.

CANCELLO, L. A. G. **O fio das palavras**. São Paulo: Summus, 1991.

CASTRO, A. de. Salud, enfermedad y psicoterapia em la psicologia existencial de Rollo May. **Psicología desde el Caribe**, 1991, p. 63-81.

CASTRO, A. de. **La psicologia existencial de Rollo May**. Barranquilla, Colombia, Edicions de U, 2000.

CNE/CES. **Resolução nº 597, de 13 de setembro de 2018**. Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação e bacharelado em Psicologia, Diário Oficial da União, 2023. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=252621-rces001-23&category_slug=outubro-2023-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 25 maio 2024.

Conselho Federal de Psicologia (CFP). Censo da psicologia brasileira: base para políticas e ações do sistema conselho de psicologia. XVIII Plenário do Conselho Federal de Psicologia. *In*: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil). **Quem faz a psicologia brasileira?** Um olhar sobre o presente para construir o futuro: formação e inserção no mundo do trabalho: vol. II: condições de trabalho, fazeres profissionais e engajamento social. 1. Ed., Brasília: CFP, 2022.

CNE/CES. **Resolução CNE/CES nº 1, de 11 de outubro de 2023**. Institui as diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, Diário Oficial da União, 2023. Disponível em: <https://abmes.org.br/legislacoes/detalhe/4498/resolucao-cne-ces-n-1#>. Acesso em: 24 maio 2024.

CAVALCANTE JÚNIOR. F. S.; MONTENEGRO, A. Irmão Henrique Justo: um pioneiro da psicologia humanista no Brasil. **Memorandum**, v. 16, p. 85-91, 2010. Retirado em 21/10/24 da World Wide Web <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a16/cavalmonte01.pdf>

CORREIA, E.; CORREIA, K.; COOPER, M.; BERDONDINI, L. Práticas da psicoterapia existencial em Portugal e no /Brasil: alguns dados comparativos. *In*: FEIJOO, A. M. L. C.; LESSA, M. B. F. M. (orgs.). **Fenomenologia e práticas clínicas**. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2014, p. 47-72.

DHEIN, C. F. **A Clínica Psicológica em diálogo com Sartre**. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2020.

COSTA P. V. R. **O tempo da ansiedade**: uma interpretação a partir da confrontação entre Heidegger, Baudrillard e Kafka. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2021.

EVANGELISTA, P. E. R. A. Sofrer pelo próprio ser: a Daseinsanalyse de Alice Holzhey-Kunz e a inclusão préontológica da existência como fundamento do sofrimento existencial. **Revista Natureza Humana**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 120-128, jan./jun. 2019.

FEIJOO, A. M. L. C. **A escuta e a fala em psicoterapia**: uma perspectiva fenomenológico-existencial em Psicologia. 1. ed. São Paulo: Vetor, 2000.

FEIJOO, A. M. L. C. **A existência para além do sujeito**: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2011.

FEIJOO, A. M. L. C. **A escuta e a fala em psicoterapia**: uma perspectiva fenomenológico-existencial em Psicologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2010.

FEIJOO, A. M. L. C. (org.). **Interpretações fenomenológico-existenciais para o sofrimento psíquico na atualidade**. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2008.

FEIJOO, A. M. L. C. A experiência do pensamento para além da filosofia e da Psicologia. In: **Anais XIV Jornada Internacional de Estudos de Kierkegaard da SOBRESKI**: "O silêncio da solidão: tornar-se singular em Kierkegaard". [online] Rio de Janeiro: UFRJ/UERJ/IFEN, 2015. Disponível em: https://www.edicoesifen.com.br/pdfs/anais_sobreski2015.pdf. Acesso em: 25 maio 2024.

FEIJOO, A. M. L. C. Instante, salto, epifania e transformação: filosofia, literatura e psicologia clínica. **Phenomenology, Humanities and Sciences**, v. 1-2, p. 339-348, 2020. Disponível em: <https://phenomenology.com.br/index.php/phe/article/view/32>. Acesso em: 25 maio 2024.

FEIJOO, A. M. L. C.; MATTAR, C. M. Encontros e desencontros nas perspectivas existenciais em psicologia. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 258-274, ago. 2016.

FEIJOO, A. L.; PROTASIO, M. M.; FEIJOO, E. L.; LESSA, M. M.; MATTAR, C. M. **O pensamento de Kierkegaard e a clínica psicológica**. Rio de Janeiro: IFEN, 2013.

FEIJOO, A. M. L. C.; PROTASIO, M. M. (orgs.). **Angústia e repetição**: da filosofia à psicologia. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2014.

FEIJOO, A. M. L. C.; PROTASIO, M. M. Psicoterapia de orientação fenomenológica: vertente existencial. *In*: FEIJOO, A. M. L. C.; PROTASIO, M. M. **Bases kierkegaardianas presentes na Psicologia Existencial**: investigações e pesquisas. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2023, p. 265-287.

FERREIRA, A. A. L. O múltiplo surgimento da Psicologia. *In*: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da Psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau. 3. ed. 3. reimp. 2013, p. 19-52.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Matrizes do pensamento psicológico**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

FORMIGOSA, F. B. C. **É permitido esquecer!** Nietzsche e a Clínica Fenomenológico-Existencial. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2022.

FRANKL, V. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 31. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

FREUD, S. **Totem e tabu**. 2006.

GOMES, W. B.; HOLANDA, A. F.; GAUER, G. Primórdios da Psicologia Humanista no Brasil. *In*: MASSIMI, M. (org.). **História da Psicologia no Brasil do século XX**. São Paulo: EPU, 2004, p. 105-129.

GIOVANETTI, J. P. **Psicoterapia Fenomenológico-existencial**: fundamentos filosófico-antropológicos. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

GREENING, T. (org.). **Psicologia existencial-humanista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

HEIDEGGER, M. **Todos nós... ninguém**. São Paulo: Editora Moraes, 1981.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1989.

HEIDEGGER, M. **Seminários de Zollikon**. Trad. Maria de Fátima Prado. Petrópolis: Vozes, 2001.

HOLZHEY-KUNZ, A. **Daseinsanálise**: o olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia. Rio de Janeiro: Via Verita, 2018.

JACÓ-VILELA, A. M.; SILVA FILHO, W. J.; DAZZANI, M. V. M. Sobre teorias, coerência, dispersões. *In*: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (BRASIL). **Quem faz a psicologia brasileira? Um olhar sobre o presente para construir o futuro**: formação e inserção no mundo do trabalho. vol. II: condições de trabalho, fazeres profissionais e engajamento social, 1. ed., Brasília: CFP, 2022.

KIERKEGAARD, S. A. **O Conceito de Angústia**. Trad. Á. L. Valls. Petrópolis: Vozes, São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2010.

LEÃO, C. E. **Aprendendo a pensar**. Petrópolis: Vozes, 1991.

MAGLIANO, F. R. **Meditação e Clínica**: Uma aproximação entre Filosofia e Psicologia. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2019.

MAY, R. **Eros e repressão**: Amor e vontade. Petrópolis: Vozes, 1973.

MAY, R. **Psicologia e dilema humano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974a.

MAY, R. **Poder e inocência**: uma busca das fontes de violência. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1974b.

MAY, R. **Existencia**: nueva dimensión em psiquiatria y psicología. Madrid: Gredos, 1977a.

MAY, R. **O significado de ansiedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977b.

MAY, R. **A coragem de criar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

MAY, R. **Psicologia Existencial**. Rio de Janeiro: Globo, 1986.

MAY, R. **Minha busca da beleza**. Petrópolis: Vozes, 1992.

MAY, R. **A arte do aconselhamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 1997.

- MAY, R. **A descoberta do ser**: estudos sobre a Psicologia Existencial. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- MASLOW, A. **Introdução à Psicologia do Ser**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1968.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Pena, 1994.
- MOREIRA, V. **Para além da pessoa**: um estudo crítico da psicoterapia de Carl Rogers. Tese de doutorado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1990.
- MOREIRA, V. **De Carl Rogers a Merleau-Ponty**: a pessoa mundana em psicoterapia. São Paulo: Annablume, 2007.
- MOREIRA, V. Da empatia à compreensão do *lebenswelt* (mundo vivido) na psicoterapia humanista-fenomenológica. **Revista Larinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 12, n. 1, p. 59070, mar. 2009.
- MOREIRA, V. Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa. **Estudos de Psicologia**. Campinas, 27 (4), pp. 537-544, outubro-dezembro 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000400011>
- MOREIRA V. & BLOC, L. **Fenomenologia Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2021.
- TATOSSIAN, A.; MOREIRA V. & BLOC, L. **Psicopatologia fenomenológica revisitada**. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2024.
- MOREIRA V.; BLOC, L; SOUZA, C.; LIMA, J. (Orgs.) **Sofrimentos contemporâneos (in)visíveis**: a mundaneidade na clínica. Rio de Janeiro: Edições IFEN, no prelo.
- PENNA, A. G. **Introdução à história da psicologia contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- PENNA, A. G. **História das ideias psicológicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- PONTE, C. R. S. & Sousa, H. L. Reflexões críticas acerca da Psicologia existencial de Rollo May. **Revista da Abordagem Gestáltica** – XVII(1): 47-58, jan-jun, 2011. Disponível em https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100008. Acesso em 21/10/24.

PROTASIO, M. M. **O si mesmo e as personificações da existência finita**: por uma ciência existencial constantemente referida a Kierkegaard. Rio de Janeiro: Edições IFEN, 2015.

ROGERS, C. R. **Tornar-se Pessoa**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1973.

ROGERS, C. R. **Grupos de encontro**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1974a.

ROGERS, C. R. **Psicoterapia e consulta psicológica**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1974b.

RUDÁ, C.; COUTINHO, D.; ALMEIDA-FILHO, N. Formação em psicologia no Brasil: o período do currículo mínimo (1962-2004). **Memorandum**, v. 29, p. 59-85, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6471>. Acesso em: 24 maio 2024.

SÁ, R, N. **Para além da técnica**: ensaios fenomenológicos sobre psicoterapia, atenção e cuidado. Rio de Janeiro: Via Vérita, 2017.

SILVA, C. C. Os paradoxos da existência e a psicoterapia: Rollo May e Kierkegaard. **Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**, v. 10, n. 2, p. 45-51, 2021. DOI: <https://doi.org/10.37067/rpfc.v10i2.1108>. Acesso em: 21 out. 2024.

SILVA, C. C. O significado da ansiedade na clínica existencial humanista: uma leitura a partir de Rollo May. **Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**, 2023, v. 12 n. 3, p. 03-14. Doi: <https://doi.org/10.37067/rpfc.v12i3.1127>. Acesso em 21 out. 2024.

VIDAL, F. A mais útil de todas as ciências. Configurações da psicologia desde o Renascimento tardio até o fim do Iluminismo. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. **História da Psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau. 3. ed. 3. Reimp. 2013, p. 55-81.

YALOM, I. D. **Os desafios da terapia**. Trad. Vera de Paula Assis. 1. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

Conflito de interesses

Não há conflito de interesse

Contribuição dos autores

Concepção e conceitualização: AMLCF, MMP

Redação do manuscrito original: AMCLF, MMP

Curadoria de dados: Não se aplica

Análise de dados: Não se aplica

Redação textual: AMLCF, MMP

Supervisão: Não se aplica

Financiamento

Não se aplica

Consentimento de uso de imagem

Não se aplica.

Aprovação, ética e consentimento

Não se aplica.